

**FACULDADE DE CAMPO LIMPO PAULISTA
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

MARINA PONTUAL DE OLIVEIRA

**PROPOSTA DE METODOLOGIA PARA
O ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DOS OBJETOS
DE USO COTIDIANO DO ALUNO**

Campo Limpo Paulista
2010

**FACULDADE DE CAMPO LIMPO PAULISTA
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

MARINA PONTUAL DE OLIVEIRA

**PROPOSTA DE METODOLOGIA PARA
O ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DOS OBJETOS
DE USO COTIDIANO DO ALUNO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à Faculdade de Campo Limpo Paulista,
como exigência parcial para obtenção
do grau de Licenciatura em História.
Orientador: Prof. Dr. Murilo Leal Pereira Neto

Campo Limpo Paulista
2010

DEDICATÓRIA

Ao meu companheiro Rogério e meu filho Francisco, pelo apoio de todas as horas.
À professora e amiga Vitória Azevedo que, acreditando na proposta deste trabalho, viabilizou sua aplicação em sala de aula.

AGRADECIMENTO

Ao meu professor e amigo Murilo Leal, a quem devo todo o incentivo quando da escolha do tema e a paciência e sabedoria na orientação do mesmo.

*"É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz,
de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática."*

Paulo Freire

RESUMO

Esse trabalho apresenta uma proposta metodológica para o ensino de História com a utilização de objetos de uso cotidiano do aluno em sala de aula. Assim como um botão, um zíper ou um velcro podem servir de elementos introdutórios ao estudo das diferentes temporalidades, um celular pode servir de fio condutor para a introdução de conceitos como revolução industrial. A proposta metodológica sugerida traz para o aluno não apenas o conhecimento do passado através do olhar sócio-histórico de seus próprios objetos, mas também dá ao professor a possibilidade de ampliar as reflexões sobre a sociedade de consumo em sala de aula.

Palavras-chave: ensino de História, mochila, Guerra fria, consumo

SUMÁRIO

Introdução.....	08
1: O professor e a sala de aula.....	11
2: O homem, o objeto e a Indústria de massas.....	15
3: Apresentação do módulo.....	20
3.1: A mochila.....	22
3.2: Sensibilização.....	24
3.3: Contextualização.....	26
3.4: A mochila do consumo.....	28
3.5: A mochila beat.....	30
3.6: A mochila hippie.....	33
3.7: A mochila estudantil.....	35
3.8: A mochila socialista.....	36
3.9: A mochila espacial.....	37
3.10: A mochila do muro.....	40
4: Conclusão da aplicação do módulo.....	42
Considerações finais.....	45
Bibliografia.....	46

INTRODUÇÃO

“Pra que estudar a história de gente morta? Não vai fazer diferença se eu souber ou não o que já aconteceu”. Essas frases freqüentes nos corredores e salas das escolas do ensino público não é nenhum absurdo, dizem os educadores, se levarmos em conta que não somos estimulados pelo passado, embora estejamos em contato com ele o tempo todo, nas placas de rua, praças, edifícios públicos, centros culturais, escolas, etc.

Estudar a história não significa saber o que aconteceu e sim ampliar o conhecimento sobre a nossa própria historicidade. Saber que o ser humano é um constante campo de possibilidades, embora historicamente condicionado, sempre aberto para mudanças. (...) O ato educativo alarga o ser humano na medida em que se considera o ser um estar - prática cotidiana de pensar e atuar criticamente sobre a situação em que se constitui o estar no mundo e com o mundo. (RAMOS, 2004).

Em 2009, durante o estágio na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Thomazina, em Campo Limpo Paulista, cumprindo créditos da disciplina de Metodologia de História, o coordenador perguntou-me se gostaria de substituir um professor, com o que prontamente concordei, já que teria que iniciar a regência. Disse-me também que estaria livre para repassar o conteúdo ou mesmo para trabalhar algum tema de interesse dos alunos, mas que não avançasse no cronograma estabelecido pelo professor. Durante aquela semana, entrei em oito classes de 6ª, 7ª, e 8ª séries. Apresentava-me como professora substituta e propunha aos alunos que sugerissem um tema de interesse geral. Obtive apenas uma resposta objetiva de uma turma (7ª série) que queria saber sobre a vida de Hitler, que tipo de homem ele era e se *era mesmo tudo aquilo que falavam dele*. Em todas as outras turmas, encontrei um ambiente apático, sem interesse e zombeteiro. Em uma turma de 8ª série, um aluno “do fundão” disse-me que *“não gostamos de coisas velhas e se a senhora ficasse na sua seria melhor pra todos nós”*. Ao reparar na mochila do aluno, semi-aberta, pude ver uma lata de coca-cola aparecendo. Respondi instintivamente: *“Pra quem não gosta de coisa velha, você me parece contraditório.”* Pedi que me trouxesse a latinha e perguntei à classe se alguém sabia quantos anos tinha aquele produto e aquela marca. Ficaram me olhando com curiosidade. Perguntei se gostariam de saber da história da Coca-Cola. A resposta positiva foi unânime. A partir daí,

pude envolvê-los durante 50 minutos, absolutamente atentos ao assunto. É bem verdade que pelo fato de ter sido publicitária, muitos ícones de consumo me são bem familiares, e a partir de então, pude fazer a diferença naquela semana, pesquisando e mudando de objeto a cada turma. Coca-Cola, tênis, jeans, caneta Bic e celular foram alguns dos itens que pude trabalhar com as oito turmas. Achei que tinha acontecido algo novo naquele momento. Talvez tivesse encontrado um meio interessante de chegar aos conteúdos propostos da disciplina de História passando conhecimento através dos objetos de uso cotidiano do aluno.

Ao decidir desenvolver um módulo com uma metodologia para o ensino de História com o uso do objeto do cotidiano do aluno em sala de aula para o Trabalho de Conclusão de Curso, passei então a pesquisar não só os objetos que porventura poderiam existir dentro do recorte histórico escolhido, mas a representação física e emocional dos diversos objetos que acompanham o estudante no seu dia a dia, questionando-os quanto à sua utilidade, durabilidade, forma e importância social. Neste trajeto, pude perceber que muitos objetos trazem consigo uma grande carga emocional, o que pode ser comprovado nos depoimentos dos alunos gravado em vídeo e nas respostas ao questionário dado quando da aplicação do módulo.

Outra boa surpresa que obtive durante a aplicação do módulo foi o interesse que os alunos demonstraram nas aulas, interagindo uns com os outros durante os debates sobre o consumo, se posicionando sobre suas práticas consumistas e suas conseqüências nefastas que alteram valores e princípios éticos. No decorrer da aplicação, pude perceber o universo de possibilidades que o objeto traz em sala de aula não apenas para o ensino da disciplina através de eixos temáticos como História social, História das Mentalidades e História do Cotidiano, mas também a possibilidade de um diálogo interdisciplinar ao abordar temas de interesse geral como consumo, trabalho e meio ambiente. Temas estes recomendados pelas Leis de Diretrizes e Bases e na Proposta Curricular do Estado de São Paulo.

Assim, esse trabalho tem como base de pesquisa afirmativa os artigos de Eloísa Caymmi: *Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões e formação de*

professores de História, onde a autora faz uma análise sobre a difícil relação entre professores e alunos e o artigo de Francisco Régis Lopes Ramos: *A insustentável leveza do tempo: os objetos da sociedade de consumo em aulas de História*, que propõe o uso dos objetos em aulas de história, a partir da memória do objeto, do cotidiano vivido do aluno e de reflexões sobre a sociedade de consumo. O trabalho está dividido em quatro capítulos, apresentados da seguinte maneira:

O primeiro capítulo é uma reflexão sobre a atual visão do ensino, pautada no princípio da educação vinculada à prática social do aluno, e da realidade que encontrei em sala de aula. A distância entre o pretendido e a realidade foi, para mim, o início da problemática que redundou neste trabalho.

O segundo capítulo trata da relação do homem com o objeto e sua representação no desenvolvimento das sociedades, e como a percepção de um olhar sócio-histórico sobre os objetos do cotidiano do aluno pode tornar-se uma ferramenta poderosa para o professor no ensino de História.

O terceiro capítulo é o desenvolvimento do módulo de aula através do objeto mochila, cujo tema é a Guerra fria. A proposta de uma abordagem mais focada no estudo das mentalidades e do cotidiano trouxe o objeto mochila como fio condutor entre os vários temas abordados.

O quarto capítulo é a conclusão da aplicação da proposta metodológica com a seleção de algumas respostas ao questionário aplicado no início do módulo e a gravação de depoimentos dos alunos como última atividade em grupo.

Finalmente, as considerações finais a respeito da experiência.

CAPÍTULO 1

O PROFESSOR E A SALA DE AULA

A partir das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a visão do ensino médio passou a ser pautada no princípio da educação vinculada à prática social do aluno e à adição de elementos que, articulados com outras disciplinas, visam o desenvolvimento de competências e habilidades como o aprender a pensar, o saber-fazer, o saber-conhecer e o saber-conviver, mecanismos primordiais da competência humana.

A prática da interdisciplinaridade através dos eixos-temáticos não só contribuiu para a análise da História sob novas perspectivas, mas ampliou o olhar histórico sobre uma multiplicidade de culturas, modificando a concepção de tempo histórico, uma vez que os diferentes povos, grupos e classes evoluem em tempos e ritmos diferentes. As novas e variadas abordagens do ensino de história, seja história social, história das mentalidades, e história do cotidiano, retrospectiva e muitas outras que se poderia citar, ajudam o professor a incorporar em seus alunos não só o hábito da pesquisa, levando-os a procurar novas e diferentes fontes de consulta, mas também o da crítica, questionando as informações sobre o assunto. (KARNAL,2003. p.26-27)

Porém, mesmo com todas essas práticas metodológicas implantadas pelo governo através das múltiplas dinâmicas em sala de aula e das ações formadoras junto aos professores, encontramos uma realidade bem diversa e comum em algumas escolas públicas municipais e estaduais de São Paulo. Assim como podemos encontrar uma escola com estrutura extremamente precária e um corpo docente integrado e coeso, trabalhando de forma criativa e coerente, é interessante verificar que há escolas municipais bem montadas e informatizadas, mas com uma tecnologia disponível sendo subutilizada. Durante o estágio de observação, pude observar a lousa digital servindo de projetor de texto para ser copiado pelos alunos a fim de se obter o silêncio da classe. Computadores individuais guardados nos armários é cena comum em muitas escolas. As explicações vão desde o despreparo tecnológico dos professores em lidar com tais

aparelhos até o fator segurança da própria escola. Mas segundo o artigo publicado sobre esse mesmo tema pela educadora gaúcha Flávia Eloisa Caimi, as queixas mais comuns ouvidas nos corredores de muitas escolas estão mesmo restritas à relação entre professores e alunos, que parecem depender da estrutura da escola.

Quando se transita pelas escolas, no acompanhamento de estágios ou realização de pesquisas, muitos dados vão emergindo. Os professores, de um lado, reclamam de alunos passivos para o conhecimento, sem curiosidade, sem interesse, desatentos, que desafiam sua autoridade, sendo zombeteiros e irreverentes. Denunciam, também, o excesso e a complexidade dos conteúdos a ministrar nas aulas de História, os quais são abstratos e distantes do universo de significação das crianças e dos adolescentes. Os alunos, por outro lado, consideram as aulas entediadas e chatas, distantes de sua realidade. Aham que o professor deve ser mais legal, amigo, e que faça da aula um momento agradável. (CAIMI, 2006)

Todos concordam que o desinteresse não é apenas do jovem. Os Museus estão vazios, os estudos de meio cada vez mais difíceis de serem organizados, pois falta dinheiro, transporte e, às vezes, vontade por parte da direção da escola. A questão é: o que fazer no dia-a-dia para obter o interesse dos jovens nas aulas de História? É exatamente nesse ponto que se apóia a proposta do módulo sugerido neste trabalho aos professores, para que tenham a oportunidade de vivenciar, juntamente com os alunos, uma maneira criativa e envolvente de ver a história através da contextualização e da historicidade dos objetos de uso cotidiano do aluno.

O tema do módulo desenvolvido neste trabalho para a 3^o série do ensino médio é a Guerra fria através da história das mentalidades do período, usando como fio condutor um objeto de uso cotidiano do aluno, a mochila. As atividades propostas têm, através da análise reflexiva do objeto mochila, os seguintes objetivos: despertar e recuperar a memória e a percepção cultural do objeto; compreender o processo de transformação do objeto como forma de transformação da própria história das sociedades e, finalmente, despertar para uma reflexão sobre a relação do objeto na nossa sociedade de consumo. Objetivos também expressos no PCN (1998) da área de História, que prioriza o desenvolvimento das capacidades e habilidades cognitivas do aluno através das relações históricas entre passado e presente, do reconhecimento de semelhanças e diferenças, de

mudanças e permanências e dos conflitos e contradições sociais nos diversos contextos históricos. O módulo também se apóia na Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008) para o Ensino Médio, que reconhece nas variadas práticas de sala de aula das escolas um campo de produção e divulgação de novas propostas metodológicas, sem deixar de lado o saber já adquirido dos diversos caminhos curriculares desenvolvidos. Conceito este de que o aprendizado coletivo é maior que a soma dos conhecimentos individuais e que todos, gestores, professores e alunos, façam parte de uma grande rede interativa chamada de *comunidade aprendente*.

Ações como a construção coletiva da Proposta Pedagógica, por meio da reflexão e da prática compartilhadas, e o uso intencional da convivência como situação de aprendizagem fazem parte da constituição de uma escola à altura dos tempos atuais. Observar que as regras da boa pedagogia também se aplicam àqueles que estão aprendendo a ensinar é uma das chaves para o sucesso das lideranças escolares. (Proposta Curricular do Estado de São Paulo: História/ Coord. Maria Inês Fini, 2008)

Murilo Leal, historiador e coordenador do curso de História da Faculdade de Campo Limpo Paulista (FACCAMP), reconhece que embora a pesquisa histórica tenha, há muito tempo, concluído que não apenas fontes escritas e visuais são importantes para se conhecer o passado, mas também todo o tipo de objetos como arma de fogo, ferramentas, roupas e muitos outros, o uso dos objetos do cotidiano do aluno em sala de aula ainda é raro. O fato dos livros didáticos terem facilitado a vida do professor e, em muitos casos, virado “bíblia” do conhecimento, acomodando e limitando sua capacidade criativa, por outro lado pode incitar o interesse às novas práticas didáticas como a voltada à *pedagogia histórica do objeto* aqui apresentada. [comunicação oral]

Assim, a mochila, o tênis, o jeans, um chiclete, um clipe, uma caneta, um caderno e muitos outros objetos que fazem parte “das coisas” do estudante, podem servir como ponto de partida e via de acesso para a construção das noções e conceitos históricos no pensamento do aluno, fazendo da aula um espaço de curiosidade, envolvimento e interesse. Todos esses objetos contam uma história, um acontecimento. Ver um objeto com atenção pode nos levar a pensar não só no que está à nossa frente ou em sua utilidade, mas no seu processo de criação e transformação ao longo do tempo. Um botão

inventado na Idade Média, um zíper inventado no século XIX e um velcro do século XX, todos com a mesma finalidade de “fechar”, podem servir de elementos introdutórios ao estudo das diferentes temporalidades. Um celular pode ser o fio condutor na introdução de conceitos como Revolução Industrial com desdobramento para eixos-temáticos como “trabalho e consumo”. A idéia não é apenas permanecer no campo da análise histórica dos objetos, mas compreender suas múltiplas relações culturais, econômicas e até mesmo políticas nas diferentes sociedades, comparando-os, construindo analogias, cercando-os de acontecimentos, formas e evidências que demonstrem seu significado e relevância social.

O uso do objeto do aluno como fio condutor no ensino de História requer alguns cuidados para não acontecer de forma intuitiva e desordenada, pois apesar de sabermos que o jovem possui determinados mecanismos de interesse que o professor pode capitalizar a seu favor, o êxito da estratégia didática vai depender de sua habilidade na solução de novos problemas práticos, provocando situações novas a partir das respostas dos alunos. Outro cuidado que se deve ter é o de não cair na armadilha do “professor de uma só fórmula”, se desgastando na aplicação recorrente de uma mesma estratégia. Portanto, o processo de reflexão do professor terá que partir da ação, desenvolvendo seu potencial ao construir seu próprio repertório através da experiência adquirida. Muitas vezes, determinadas experiências não funcionam com alguns professores ou mesmo em algumas séries, mas podem servir para outros professores e outras séries. O importante é que o professor permaneça interessado em experimentar novas práticas em sala de aula que promovam em seus alunos a curiosidade, a discussão e o interesse pela busca de novas idéias e conceitos.

A idéia de que o domínio do conhecimento histórico não é condição suficiente para garantir a aprendizagem fica evidenciada na sala de aula. A diferença está na forma como o conhecimento é construído. O olhar intuitivo do professor, sua percepção em relação aos alunos que tem diante de si, é o que vai guiá-lo tanto na seleção de conteúdos como na construção de uma metodologia criativa.

CAPÍTULO 2

O HOMEM, O OBJETO E A INDÚSTRIA DE MASSAS

O fato de estarmos numa era de imagens e símbolos faz do objeto um fio condutor eficiente para o educador na medida em que o objeto estiver incorporado ao cotidiano do aluno, seja na sua atividade mecânica mais simples, atendendo a uma necessidade própria do nosso tempo como uma escova de dente, como nas mais complexas, fazendo parte de seus sonhos e desejos de consumo como, por exemplo, o computador. O objeto mostra como a História não escrita pode ser reveladora de civilizações através da forma e do contexto de cada artefato, como ressaltou Hanna Arendt (...) *o ser humano inaugura sua identidade humana ao construir um mundo humano, resultado do ato de fabricar objetos de uso dotados de certa durabilidade*. A utilidade e durabilidade das coisas definem a objetividade dos artefatos. (...) *“Num mundo estritamente utilitário, todos os fins tendem a ser de curta duração e a transformar-se em meios para outros fins.”* (ARENDT, 1995. p.166-167)

Determinados objetos podem ter mais que uma intenção puramente utilitária. Podem trazer a expressão de um prazer pessoal, que é a mais direta e duradoura expressão de humanidade. Na antiguidade, quando os artesãos da época, numa atitude mais criativa, mudavam a forma de um objeto conhecido em função de maior praticidade, durabilidade e beleza, estavam de certa forma praticando o que hoje chamaríamos de *design*, transformando um artefato utilitário num objeto artístico. O que importa é a engenhosidade humana traduzida nos objetos, expondo ao mesmo tempo a visão de mundo de um tempo e lugar específicos. A importância de se pesquisar a história através do objeto é a busca de novos caminhos e interpretações em sala de aula, estabelecendo uma observação livre e dirigida. Além da análise material, da técnica empregada na fabricação e do olhar estético e prático do objeto, é importante refletir sobre seu significado social e sua interação com o usuário. O que há por trás de um objeto? Como foi criado? Com que objetivo foi criado? Qual a nossa relação com ele? São algumas das perguntas básicas que podemos fazer para entendermos o ritmo de desenvolvimento das sociedades.

Com a revolução industrial, a produção em série diminuiu muito o valor do objeto e, conseqüentemente, o valor do trabalho do artesão criador. O termo “arte”, até hoje muito polêmico, ganhou um sentido ideológico ligado a uma produção material individual, voltada para o belo, e não mais a uma atividade artesanal funcional que atendesse à sociedade. O artesão virou trabalhador, assumindo um papel de projetista que investiga o mercado e suas tendências antes de criar o objeto/produto, seja ele de qualquer ordem, eliminando do seu trabalho o aspecto puramente artístico. No período pós-guerra, a qualidade de vida do trabalhador americano começou a melhorar com a expansão da indústria que, além de ganhar novos consumidores internos, abastecia os países destruídos pela guerra. Os americanos se viram na possibilidade de adquirir uma multiplicidade de aparelhos para o lar, que além de poupar tempo e trabalho como geladeiras, máquinas de lavar, secadores de cabelo, ferros de passar roupa, aspiradores de pó e tantos outros produtos, revelavam seu status social. Surgiu uma relação de interdependência entre produção e consumo, pois quanto mais se fabricava objetos, mais o consumo era incentivado através da propaganda, agora num rádio muito menor e portátil. Alguns pensadores da época já percebiam que por detrás daquele aparelho sonoro havia uma espécie de monopólio ideológico, regido pelos interesses das indústrias e do Estado. A massificação da cultura passou a ser, sob a aparente liberdade apregoada pelo *American Way of Life* uma ideologia padronizada com a intenção de induzir as pessoas ao consumismo e à submissão de um sistema totalmente voltado ao desenvolvimento da produção e do consumo.

A Guerra fria acelerou a indústria americana do consumo com o avanço tecnológico financiado pelo seu fantástico poderio industrial e financeiro. Nos anos 50, com o aparecimento de uma cultura adolescente que estava interessada em se distinguir da geração de seus pais com roupas, comportamento, música e linguagem próprias, foi implantada nos EUA a polêmica estratégia da *obsolescência planejada*. As indústrias viam nesse mercado jovem sua grande chance de faturamento. Com o intuito de atingir aqueles que se preocupavam com o status social, as empresas lançavam novas versões de seus produtos a cada ano, tornando obsoleto o produto anterior. O objetivo, segundo Bernard London, com a obsolescência planejada foi (...) *instigar no comprador o desejo de possuir algo um pouco mais recente, um pouco melhor, um pouco mais cedo do que o necessário.*

(LONDON,1932). Os EUA foram os primeiros, mas disseminou a idéia a vários países da Europa, Japão e América Latina que começaram a projetar e comercializar produtos dentro da mesma filosofia. Muito criticada fora e dentro do próprio EUA, a defesa da indústria era de que isso gerava aumento de empregos. Mas o conceito americano prevaleceu e, nos anos 60, essa estratégia já havia influenciado a indústria e nossos hábitos, trazendo-nos objetos produzidos com uma multiplicidade de materiais, formas e cores que hoje condicionam nossas escolhas.

Assim, os heróis do espaço foram logo substituídos pelos planejadores de marketing. Os indivíduos nascidos durante o “baby boom” do pós-guerra tornaram-se um verdadeiro exército de consumidores ávidos por mudanças e variedades, em vez de permanências e uniformidades. Isso fez com que as empresas reconhecessem esse novo mercado e investissem em tecnologia, investindo na criação de novos materiais sintéticos para aplicação em produtos com um estilo mais moderno e colorido, afetando praticamente todos os segmentos da indústria como a automobilística, com os novos modelos de carros, a moda com novas texturas sintéticas e coloridas, o mundo gráfico com novas tintas e meios de impressão, o mobiliário com o poliuretano, os brinquedos eletrônicos, e mais recentemente o da informática, entre outros. (TAMBINI,1996. p.22)

O nascimento do supermercado agiu como um incentivo na competitividade de produtos que começaram a se preocupar com o visual das embalagens, tornando-se mais atrativos e esmagando, assim, as pequenas mercearias. Os produtos tinham que ser rapidamente identificáveis, vendendo-se a si próprios, transformando-se em instrumentos de publicidade através das embalagens que evocavam valores através de imagens. Philip Kotler, um guru da publicidade cultuado até hoje, escreveu em defesa desse conceito americano de marketing: ” (...) *muito da chamada obsolescência planejada é o trabalho das forças competitivas e tecnológicas em uma sociedade livre que levam a melhorar cada vez mais os bens e serviços*”. (KOTLER, 2006. p.776). Vale ressaltar que essa estratégia da obsolescência também podia ser contraproducente, pois quando aplicada com frequência, criava uma resistência do consumidor que não se convenciam de que valia a pena substituir o que havia comprado há tão pouco tempo. É o que vem acontecendo atualmente no setor automobilístico e da informática, onde a oferta excede a procura, o

que implica no uso de estratégias promocionais de marketing para escoar a produção. Um exemplo disso são os lançamentos de computadores, cujos periféricos anteriores não são compatíveis com os novos, obrigando o usuário a trocá-los ou dispensá-los. Francisco Ramos foi enfático ao se referir à atual sociedade de consumo: “ (...) *Depois de comprado, o objeto não deve ter vida longa: desgasta-se logo ou logo fica fora de moda. Nunca houve, em nenhuma sociedade, uma relação tão próxima entre a maternidade e cemitério*”. (RAMOS, 2008).

Diante disso, percebe-se que a oportunidade que o professor pode ter no uso do objeto em sala de aula é real e ilimitada, uma vez que trabalhar com os objetos pessoais do aluno é trabalhar com a troca contínua de objetos, com identificações e sentimentos que podem ser comunicados e compreendidos mais prontamente. Uma vez situado o objeto no tempo e no espaço, teremos sua relação com o contexto histórico cultural ao qual pertence. Para falarmos sobre a Revolução Industrial não precisamos nos ater a carros, objetos de desejo distante da realidade do aluno, mas começar com um determinado produto de seu uso diário que dialogue com os meios de produção das duas épocas, como por exemplo, o jeans, que de roupa de trabalhador operário passou a ser “uniforme” de toda uma geração. Assim, na excitação do “querer saber” a história do jeans, o aluno abre um espaço para uma percepção mais ampla do mundo que o rodeia. Outra sugestão é trabalhar o consumo. Sabemos que o consumo é um ponto crítico no processo sócio-econômico da nossa sociedade. Se por um lado o capitalismo tem hoje no mercado a solução para todos os problemas sociais, crescendo pela reprodução do capital no processo de produção e consumo incessante e ilimitado, por outro, acelerou os desequilíbrios ambientais, as injustiças e as diferenças sociais. A idéia do consumismo, assim como de suas perversas conseqüências sociais precisa ser colocada em discussão nas escolas. A abordagem desse tema pode servir como um viés na introdução do eixo-temático “trabalho e consumo”.

O uso do objeto deve ser o pressuposto básico de qualquer atividade em aulas de História porque a consciência histórica não trata do fato isoladamente e sim das conexões entre pretérito, presente e expectativas de futuro. O sistema capitalista está baseado no comércio de objetos. Sua garantia está na liberdade democrática de adquirir e ter. Nesse momento de tanta velocidade, tanta produção, vê-se um grande vazio de conteúdo,

de consistência das coisas que estão sendo produzidas, tanto por parte de quem produz como por parte de quem consome. Nossa relação com os objetos é superficial, sem profundidade, e deve ser repensada. (RAMOS, 2008)

Repensar esse olhar mecanizado e superficial, em como estamos comercializando ou consumindo determinados bens é pensar nos valores que esses bens nos trazem, no status que nos confere e, portanto, nos valores de nossa sociedade. É importante saber em que perspectiva estamos atrelados aos objetos. Não precisamos mais do objeto? Precisamos. Porém, os objetos não podem ser simplesmente um fim, sedimentando valores que vivenciamos há séculos, numa única perspectiva. O objeto é o meio pelo qual podemos atribuir novos significados, mudando nosso olhar e, conseqüentemente, nossa forma de consumo. Precisamos diferenciar o consumismo irracional, impulsivo e indiscriminado, baseado em valores materiais e na ostentação, do consumo racional, controlado e selectivo, baseado em valores sociais e ambientais. Passar a idéia de que é possível entender a História através da percepção sócio-histórica dos objetos do nosso cotidiano, assim como do valor que nossa sociedade atribui a eles, é o que gerou esse trabalho de conclusão de curso.

CAPÍTULO 3

APRESENTAÇÃO DO MÓDULO

Conteúdos priorizados: a proposta deste módulo sugere, na introdução do tema Guerra fria, uma abordagem sobre a mudança das mentalidades no processo do pós-guerra e no subsequente da Guerra fria. Com a formação de dois grandes blocos econômicos no cenário mundial, o período não se caracterizou apenas pelas mudanças políticas e econômicas, mas principalmente pelas mudanças de pensamento, tanto nos EUA, em pleno desenvolvimento econômico, como na Europa devastada, quebrando paradigmas ideológicos até então vigentes nessas sociedades. O módulo terá no objeto MOCHILA o fio condutor dos seguintes períodos:

- Período pós- guerra (entre 1945 a 1947)
- A contracultura com os movimentos beat, hippie e estudantil (1947 a 1968)
- A corrida espacial (1947 a 1969)
- A queda do muro de Berlim e o fim da URSS (1989 a 1991)

As competências e habilidades que servirão de guia neste módulo foram retiradas da matriz do ENEM e do SARESP, abaixo pontuadas.

Das 5 competências:

1. Dominar linguagens: saber ler, entender e analisar fontes históricas em suas diferentes formas: documentos escritos oficiais e não oficiais, assim como ícones, símbolos, cinema, rádio, propaganda e, no caso específico do módulo, o objeto.
2. Compreender e interpretar fenômenos: interligar o conteúdo aprendido na sala de aula com a realidade do mundo que o cerca.
3. Solucionar problemas: ter as informações corretas sobre o fenômeno (competência 1) e interpretar o fato (competência 2) para tomar a decisão acertada e resolver a proposta.
4. Construir argumentação: assumir um ponto de vista e defendê-lo com argumentos sólidos, baseados nas informações e nos conhecimentos adquiridos sobre qualquer tema.

5. Elaborar propostas: além de compreender o que se pede e apresentar argumentos a favor de seu ponto de vista, formular propostas para mudar a situação.

Das 21 habilidades:

- 1- Identificar variáveis: identificar as informações relevantes em um texto ou ilustração e selecionar os meios necessários para sua interpretação.
- 2- Compreender o meio ambiente: analisar criticamente as conseqüências ambientais, econômicas e sociais dos processos de uso dos recursos naturais, materiais e energéticos.
- 3- Valorizar a diversidade cultural: prezar a diversidade étnica, cultural e artística dos povos, sabendo identificar épocas, sociedades e lugares das manifestações.
- 4- Confrontar os diversos pontos de vista: confrontar interpretações de situações ou fatos de natureza, identificando suas manifestações e representações em diferentes sociedades, épocas e lugares. É preciso saber comparar pontos de vista, identificando os pressupostos de cada interpretação e analisando a validade dos argumentos utilizados.
- 5- Comparar processos: comparar processos de formação sócio-econômica, como a bipolaridade e a globalização e relacioná-los com seu contexto histórico e geográfico.
- 6- Compreender fatos históricos: dado um conjunto de informações sobre uma realidade histórico-geográfica, contextualizar e ordenar os eventos registrados, compreendendo a importância dos fatores sociais, econômicos, políticos e culturais.

Bibliografia básica utilizada no módulo:

PEDRO, Antonio. *História da civilização ocidental: ensino médio: volume único* / Antonio Pedro, Lizânias de Souza Lima; colaboração especial Yone de Carvalho – 2.ed. – São Paulo: FDT, 2005.

SCHMIDT, Mario Furley. *Nova história crítica: ensino médio: volume único* / Mario Furley Schmidt – 1.ed. – São Paulo: Nova Geração, 2005.

BERSTEIN, Sergei; MILZA, Pierre. *História do Século XX: volume 2: 1945 -1973, o mundo entre a guerra e a paz / sob direção de Sergei Berstein e Pierre Milza (tradução Fernando Santos)* - São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

Recorte: Guerra fria

Turma: 3º ciclo do Ensino Médio

Escola: Escola Estadual Residencial Jundiáí

Diretora: Ednéia M. Jandotti

Aplicação: Professora Vitória Azevedo

Espaços de Atuação: Sala de Aula

Recursos: data-show, mochila e cartazes

Data: Nov / 2010

3.1 A MOCHILA

- *Inicie a aula conversando com os alunos sobre a importância dos objetos na vida do homem. Em seguida, peça aos estudantes que peguem sua mochila e a coloquem sobre a carteira. Peça que olhem e analisem o objeto sob os pontos de vista indicados no roteiro abaixo e faça seus apontamentos (ficha modelo abaixo).*
- *Escolha alguns alunos para falar sobre o que escreveu.*

Nome:..... **Nº**.....

OLHANDO PARA SUA MOCHILA, RESPONDA AS SEGUINTE QUESTÕES:

Quanto às características físicas

Qual o formato?.....

Quanto à confecção

É feita a mão ou à máquina?.....

Quanto à função

Para que serve?.....

Seu uso se modificou?.....

Quanto à sociedade

É encontrado em outras sociedades?.....

Agora, escreva em algumas linhas o que sua mochila significa para você.

.....

.....

.....

- *Através das respostas obtidas, o professor irá abordar a importância do olhar investigativo sobre o objeto de pesquisa escolhido. A seguir, mostre a mochila como passaporte e convide-os para uma viagem no tempo.*



Aplicação do Módulo Guerra Fria

- *Ao apresentar as imagens dos variados usos da mochila no mundo o professor faz um rápido relato histórico sobre o objeto mochila, como foi a sua evolução no decorrer do século XX, abordando as características físicas, produtivas, comerciais e culturais em nossa sociedade. (Competências 1, 2 Habilidades 2, 4, 5)*



Aplicação do Módulo Guerra Fria

A mochila é, em sua forma mais simples, um saco de lona ou tecido resistente que é carregado nas costas de uma pessoa, apoiada através de uma ou duas cintas que se estendem acima dos ombros e abaixo das axilas. Feitas de emendas de peles de

animais, foi provavelmente criada por tribos da África antiga em um formato um tanto quanto diferente do usual, para carregar água, comidas em geral, filhos raramente, etc... Se observarmos um pouco mais, veremos que a mochila foi sendo aperfeiçoada na sua confecção, com novos materiais e novo design, com o intuito de abrigar diferentes objetos em seu interior e exterior. Em períodos de paz, a mochila continuou sendo utilizada em diferentes sociedades, servindo a diferentes públicos, desde a pessoa mais humilde até a mais abastada. Muitas profissões a adotaram como ferramenta de trabalho como carteiros, fotógrafos, executivos, esportistas, entre outros. Mas o que realmente a caracteriza nos dias de hoje é seu uso mundialmente disseminado. Trata-se de um objeto globalizado.

3.2 SENSIBILIZAÇÃO

Iniciando com a ilustração de 1945 do soldado com a mochila, o professor cria o cenário para leitura de um documento emocionante que, no caso, é um trecho de uma carta de um pracinha da FEB, que de volta ao Brasil, escreve a um amigo já morto e enterrado. A carta é endereçada ao cemitério de Pistóia, na Itália.

- *Nesse momento, o professor mostra o mapa da Itália com a cidade identificada. Num dos trechos da carta apresentada, há uma referência ao objeto mochila, cujo significado poderá ser analisado e comparado com as respostas dadas no questionário.*
- *Abaixo, a reprodução de trechos da carta para ser distribuída e lida em classe.*



"Belo Horizonte, 30 de junho de 1958.

Saudoso amigo José,

(...) Lembrei-me, hoje, muito de você. Quedei-me um pouco de minhas tarefas e pus-me a pensar...(...) Retrocedi no tempo, há mais e 13 anos, quando juntos combatíamos o domínio alemão nessas terras, onde você repousa, para a eternidade. (...) Na Zona de Riola, chegamos à noite, carregando Deus sabe como, um amontoado de coisas, num peso irresistível. Não sei como você agüentava tanto morro com aquela **mochila**, depois de um dia que talvez nem o diabo tivesse vontade de andar. Entrando também pela noite, tomamos as posições no front. Tudo era silêncio. Todos tinham vontade de melhor elevar o nome do Brasil. Passamos a noite como dedo no gatilho, na expectativa de um contra-ataque do "tedesco" que, ao final, já aspirávamos para por um ponto àquela angústia interminável. Durante a noite, a **Lurdinha "rasgou o pano"** como nunca, em nosso setor esquerdo, forçando o recuo de nossos valorosos companheiros que, cumprindo missão, saíram em patrulha. Os canhões, em voz tonitruante, atiravam por sobre nossas cabeças, suas balas, num cochicho impressionante, mostravam perfeitamente a dura missão a que estávamos empenhados. (...)em julho de 1945 regressamos ao Brasil. Vocês ficaram em Pistóia, outros foram para hospitais e muitos trouxeram para a Pátria uma alma amargurada, abrigada em um corpo não menos contundido pelas peripécias da guerra. Ao chegarmos ao Rio, houve uma recepção apoteótica bastante emocionante. Uns não encontraram seus pais, outros não puderam rever irmãos, esposas e filhos. Era um quadro misto de dor e alegria onde se fundiam lágrimas e risos. (...) talvez você esteja interrogando-me a respeito do Cruz, aquele motorista. Pois saiba: O Cruz foi ferido por explosão de um 105 e continua vivo...Para os que sentem como nós as cousas da guerra, ele está com apenas cicatrizes que o tornam mais belo. Porém, para os civis, ele deve ser um monstro. Tenho certeza, você se o tocasse, orgulhar-se-ia em senti-lo sem braços, sem um olho, sem queixo, com algumas pregas na pele do peito e, melhor ainda, com um moral elevadíssimo. Os que não tomaram parte na guerra, nunca poderiam...bem, não façamos cogitações."

Dr. Otton arruda Lopes – Ex-combatente.

(Fonte: www.anvfeb.com.br/carta_cemiterio_pistoia.htm)

- Logo após a leitura da carta, o professor propõe um exercício em classe.

A partir do texto da carta, procure responder:

- 1) Que referência o soldado faz à mochila?
- 2) Quais os inimigos que ele cita direta e indiretamente na carta?
- 3) Como ele avalia o retorno dos pracinhas ao Brasil?
- 4) Como ele avalia o sentimento dos civis ao verem as cicatrizes dos soldados?



- *O professor mostra o fim da Guerra em duas imagens, o poder devastador da bomba atômica usada pelos americanos em Hiroshima e Nagasaki e as manifestações da população com o anúncio do fim da guerra, em Paris. Imagens contrastantes que refletem a diversidade de sentimentos gerados no período final da segunda Grande Guerra.*

3.3 CONTEXTUALIZAÇÃO

Após a morte de mais de 50 milhões de jovens e adultos em batalhas sangrentas na Europa, assume-se o sacrifício de viver com o alento de que a ideologia fascista e nazista estava morta e enterrada. Apesar da aparente vitória dos aliados, ainda há uma preocupação por parte do governo dos EUA com o avanço do socialismo e do comunismo no Leste Europeu, sob a liderança da União Soviética. A ONU surge em 1945, como reflexo de uma nova relação de forças internacionais lideradas por dois grandes blocos: o americano e o soviético. A política americana seguia seu plano hegemônico tentando mostrar seu poderio bélico e econômico que havia desenvolvido no período entre guerras, emprestando dinheiro para a reconstrução dos países europeus através do Plano Marshall. Os americanos sugerem ajuda à URSS e, no momento em que esta a recusa, passam a ter certeza de que dali em diante, o então aliado russo se tornaria um inimigo. O termo Guerra fria, segundo alguns estudiosos, foi utilizado por um influente financista democrata chamado Bernard Baruch e popularizado por um jornalista americano para caracterizar essa relação de forças entre os dois blocos, sem embate militar declarado e direto entre EUA e URSS. Até porque, estes dois países estavam armados com centenas de mísseis nucleares, e um conflito direto significaria o fim do planeta.

- *Em seguida, ao exibir o mapa do pós-guerra, o professor sinaliza as áreas de influência dos dois blocos dominantes.*



Aplicação do Módulo Guerra Fria

Os EUA, com o Plano Marshall de ajuda econômica, defendiam a expansão do capitalismo, sistema baseado na propriedade privada e na economia de mercado, sem intervenção do Estado. A União Soviética possuía um sistema socialista, baseado na economia planificada, com intervenção direta do Estado controlado pelo Partido Comunista. Com o descarte da ajuda americana através do Plano Marshall, os soviéticos criaram o COMECON, órgão similar ao dos americanos, com o objetivo de garantir auxílio mútuo aos países socialistas, garantindo a expansão do regime de igualdade social e sem propriedade privada. Na segunda metade da década de 1940, até 1989, estas duas potências tentaram implantar em outros países seus sistemas políticos e econômicos. Uma nova guerra se inicia sem confronto direto entre os dois países, mas com cada bloco tentando impor suas ideologias (capitalismo e socialismo) aos países ainda não alinhados.

Após a vitória da Revolução Cubana, em 1959, os EUA, assustados com a velocidade com que os socialistas ganhavam terreno, começam a se armar cada vez mais para manter seu domínio geopolítico. De repente, os americanos se viram diante de um governo socialista a apenas 150 km de seu país! Havia ainda o medo generalizado de um novo confronto, e para evitar uma guerra nuclear os dois blocos passam a usar uma nova arma: a propaganda.

3.4 A MOCHILA DO CONSUMO



Com a indústria do cinema de Hollywood, os americanos anestesiaram milhões de pessoas pelo mundo, inclusive no Brasil, com imagens sobre as vantagens do *way of life*, ou modo de vida americano. Exaltavam sua democracia, com a liberdade individual de escolher seus governantes, sua economia não estava sob a tutela do Estado e todos tinham chances iguais de sucesso na livre iniciativa. Para os americanos, até hoje, o socialismo não funciona porque é contrário à natureza humana competitiva.

A indústria do cinema foi o meio mais propagado pelos EUA para mostrar os males comunistas. Durante os anos 50, os americanos vieram ao Brasil em missão diplomática. Como estavam interessados em manter seu domínio na América Latina, encomendaram o filme “Três Caballeros” a Walt Disney, que tinha três personagens centrais, Pato Donald, Zé Carioca e Panchito, caracterizando cada um dos países de interesse estratégico: EUA, México e Brasil. Assim, ficamos com o Zé Carioca, sujeito malandro que recebe o pato Donald (representando os americanos) em plena Salvador, mostrando ao amigo o que é que a baiana tem. Com o uso disseminado da televisão, os EUA conseguiam reunir famílias em certas horas do dia para levar programas que reforçavam os valores mais tradicionais americanos, ao mesmo tempo em que ressaltavam o conforto e as facilidades materiais do *american way of life* no dia-a-dia com uma enxurrada de anúncios vendendo artigos eletro-eletrônicos para o lar. Nessa época, o sonho da classe média tradicional

americana era ter sua casa própria, automóvel na garagem e vários eletrodomésticos, freqüentar supermercados cheios de novos produtos e filhos brincando na vizinhança, de preferência longe dos negros. Parecia que a humanidade havia reencontrado a paz e a liberdade perdida. Religião e patriotismo passaram a andar juntos, alimentando o anticomunismo na luta feroz contra a URSS, uma “nação sem Deus”.

Conscientes de um novo mercado consumidor interno e de sua voracidade, as empresas criavam produtos com vida limitada, a fim de forçar as pessoas a trocá-los por outros iguais, porém com uma nova cara, geralmente maquiada, ou com a introdução de alguma tecnologia supérflua. A propaganda se incumbia de seduzir o consumidor com argumentos que incitavam a competição e a ascensão social.



Aplicação do Módulo Guerra Fria

Começava-se a viver, então, a chamada “era da cultura de massas”. Esta nova forma de utilização da mídia, capaz de atingir simultaneamente grandes camadas da população, mereceu sérios estudos de duas escolas de pensamento social: uma nos EUA, conhecida como Escola de Chicago que, preocupada com a maneira como o homem interagiria com o espaço nessa nova cultura, estudou o uso racional do solo das cidades ao criar os primeiros arranha-céus. Já a escola de Frankfurt, na Alemanha, estava preocupada com a vulgarização da cultura e da arte, reproduzidas e copiadas pelas novas técnicas de comunicação. Essa escola formulou o conceito de *Indústria cultural*, modo pelo qual a sociedade capitalista manipula os indivíduos através dos meios de comunicação de massa

como a televisão, o rádio e o cinema, anulando a capacidade crítica das pessoas e formando uma massa homogênea que consumiria com mais facilidade a ideologia capitalista. Nesse contexto, nenhum movimento artístico causou maior impacto do que a “pop art”. Andy Warhol, famoso representante da arte pop, usou a irreverência e a ironia em seus trabalhos, repetindo imagens de artistas, políticos, intelectuais e símbolos de violência, arte, literatura e consumo a fim de evidenciar e criticar a padronização cultural da sociedade. A cultura passaria a ter um aspecto popular e fugaz e todos teriam “seus 15 minutos de fama”.



- *Utilize esse momento para discutir a relação do consumo e do papel da publicidade. É interessante mostrar que o ato da compra está muitas vezes associado à busca pela felicidade instantânea, ao sexo fácil, à competição.*
- *O professor também pode relacionar o conceito dos “15 minutos de fama”, de Andy Warhol, com os vídeos expostos na Internet por qualquer pessoa.*

3.5 A MOCHILA BEAT

Na Europa, o clima de liberdade atinge todas as áreas da vida intelectual, principalmente na França com o existencialismo de Jean Paul Sartre e Albert Camus, entre outros. Para o existencialismo, o homem não tem que viver sob dogmas e tabus impostos por ideologias e pressões culturais e econômicas para afirmar suas próprias escolhas existenciais. Para alguns intelectuais franceses, a saída era o engajamento

político, seja através da literatura, da pintura, do cinema e teatro ou de qualquer outra forma de expressão. Era imprescindível mostrar a que a humanidade tinha se reduzido: armas nucleares, genocídio, massacre de civis, tortura, fome, desemprego etc. Para outros, qualquer forma de vida que não fosse a convencional era o suficiente. A “ânsia de viver” num mundo que estava dilacerado e desumanizado era o que importava.



Aplicação do Módulo Guerra Fria

Surgiram nos anos 50, “os rebeldes sem causa”. Eram jovens de classe média que, insatisfeitos com a vida que levavam, saíam por aí com suas motos e seus casacos de couro para beber com garotas bonitas, brigar de canivete em punho e fazer algazarras. Esse descompromisso com a ordem dava uma sensação de liberdade. Seus ídolos mais conhecidos eram James Dean e Marlon Brando. Mas nas universidades, haviam outros jovens que, embora gostassem de bebida, cigarro e sexo, também gostavam de filosofar. Jack Kerouac tinha talento literário. Filho de uma dona de casa americana de classe média, Jack decide largar a universidade de Columbia, colocar 50 dólares no bolso, um maço de cigarros no jeans, caderno e lápis dentro da mochila e por o “pé na estrada” rumo ao desconhecido. Durante os sete anos em que viajou de Leste a Oeste dos EUA percorrendo a “rota 66” na base da carona, Jack conheceu grandes amigos que formariam o “pelotão de frente” da geração Beat. Jack se deslumbra com a liberdade absoluta que é viver só e sem localidade certa para estar. Na tentativa de escrever sobre as surpreendentes experiências regadas a sexo, drogas e rock'n'roll, Kerouac exercitava uma

filosofia de vida existencialista, influenciado pelas idéias de intelectuais franceses de grande fama na época. Escreveu vários romances que ia guardando em sua mochila, enquanto vagava de um lado a outro do país com seu amigo Neal Cassidy. Dessa jornada, nasce seu primeiro livro “On the road” (Pé na estrada), lançado em 1957 e que virou bíblia do movimento beatnik.



Allen Ginsberg, poeta beatnik escreveu em 56:

“Eu vi os melhores cérebros de minha geração destruídos pela loucura, histéricos, nus, famintos, tragados pelas ruas negras da madrugada...”

Avessos às regras sociais, a geração **beatnik** se formou em bares, onde a bebida, o sexo, as drogas e a aventura de não ter destino certo eram as únicas coisas que cabiam em suas mochilas.



Aplicação do Módulo Guerra Fria

Jack Kerouac e seu amigo Neil Cassidy percorreram, durante 7 anos e na base da carona, os EUA de Leste a Oeste. Durante suas viagens Jack fazia mapas, escrevia e guardava na mochila tudo que via e sentia para, mais tarde publicar em seu livro.





Aplicação do Módulo Guerra Fria

Com uma vida absolutamente regada a drogas e álcool, muitos acabaram mortos por overdose. Allen Ginsberg em seu poema “O uivo”, define sem meias palavras o fim cruel de seus amigos “(...) *Eu vi os melhores cérebros de minha geração destruídos pela loucura, histéricos, nus e famintos, tragados pelas ruas da madrugada...*”. Seu livro ainda hoje se encontra nos currículos dos cursos de inglês e nas listas de leitura de verão de muitas escolas.

- *O professor pode propor uma reflexão em forma de redação ou discussão sobre o comportamento dos jovens no pós-guerra. Será que todos pensavam assim? Será que punham o “pé na estrada” como Kerouac ou contestavam o sistema de outro jeito? (Competências 1, 2, 3, 4 e 5 Habilidades 1, 6, 7, 8 e 9)*

Foi neste cenário que outros movimentos sociais apareceram com mais força. O movimento negro já tinha várias vertentes, ia desde o pacifismo de Martin Luther King, assassinado em 1968, aos mais radicais como Os Panteras Negras, que ao defender os bairros negros da brutalidade policial, acabavam morrendo em confrontos armados

violentos. Mudaram de tática, se tornaram marxistas e passaram a defender a luta armada, sendo fortemente reprimidos. Também surgiu o movimento feminista com Betty Friedan, ativista americana que fundou a Organização Nacional das Mulheres. Reivindicavam a igualdade de oportunidades no trabalho e a liberdade sexual. Muitas mulheres queimaram seus sutiãs em praça pública, símbolo da opressão feminina.



Os atletas Tommie Smith e John Carlos protestam no pódio das Olimpíadas com o gesto dos Panteras Negras.

Perderam suas medalhas por isso.

Wikipédia Commons:Arquivo:Olimpíadas de 1968 - Protesto dos atletas afro-americanos no pódio.jpg
Wikipédia Commons:Arquivo:Black Panther Party - Oakland, Califórnia, 1966.jpg

Aplicação do Módulo Guerra Fria

Betty Friedan foi uma ativista americana que iniciou a onda do feminismo nos EUA.

Reivindicavam a igualdade de oportunidades no trabalho e a liberdade sexual.

Muitas mulheres queimaram seus sutiãs em praça pública, símbolo da opressão feminina.



Betty Friedan, fundadora do National Organization for Women
Foto de J. P. Laffont/Corbis Sygma

Wikipédia Commons:Arquivo:Womens liberation march 1968.jpg
Wikipédia Commons:Arquivo:Womens liberation march 1968.jpg

Aplicação do Módulo Guerra Fria

3.6 A MOCHILA HIPPIE



Aplicação do Módulo Guerra Fria

Os hippies eram parte do que se convencionou chamar movimento da contracultura iniciada nos EUA dos anos 50 com nosso amigo Jack. Desapegados dos bens materiais,

os hippies recusavam a sociedade de consumo e a família tradicional. Com o início e recrudescimento da guerra do Vietnã, começa uma movimentação importante dos estudantes dentro e fora das universidades americanas, principalmente contra o alistamento. Foi durante o festival de Woodstock, realizado em agosto de 1969, que os hippies ficaram conhecidos no mundo todo. Mais do que um festival, Woodstock foi o retrato de ideais dos anos 60 e o pivô de todo o movimento hippie. O festival aconteceu numa fazenda perto de Nova York, na cidade de Bethel. Nos três dias chuvosos, artistas do rocknroll expressaram através da música seu protesto contra a violência e a guerra do Vietnam. A prática de nudismo e a emancipação sexual (idéias recorrentes por estas comunidades) foram alvo da mídia internacional. Uma das frases associada a este movimento foi “*Faça amor, não faça a guerra*”, título de uma música dos Beatles, estampada em tudo e qualquer coisa. Com suas mochilas coloridas feitas à mão em estilo pathwork, mosaico de panos e símbolos de paz e amor, os hippies sobreviviam se dedicando ao artesanato não só de roupas e mochilas trabalhadas com miçangas, mas também de bijuterias e objetos de decoração, vistos e apreciados até hoje em feiras de artesanatos nas diversas cidades espalhadas pelo mundo. O festival de Woodstock marcou a era hippie e a contracultura dos anos 60.



Aplicação do Módulo Guerra Fria



Aplicação do Módulo Guerra Fria

- *O professor pode propor também uma pesquisa sobre o movimento hippie, propondo entrevista com hippies que encontrem nas feiras de artesanato de sua cidade, trazendo para dentro da classe uma discussão sobre o pensamento desses jovens hoje, contrapondo com o pensamento do movimento da época. (Competências 1, 2, 3, 4 e 5 Habilidades 1, 3, 4, 6, 7, 8 e 9)*

3.7 A MOCHILA ESTUDANTIL



No final dos anos 60, a guerra do Vietnam recrudesciu e os movimentos sociais pelo mundo também. Mesmo nos EUA, ao contrário dos pacifistas hippies, muitos estudantes tornaram-se militantes de esquerda e sonhavam com uma república socialista americana. Denunciaram a existência de milhões de americanos vítimas de segregação racial, que passavam fome no país capitalista mais rico do mundo.

A revolta estudantil se estendeu pelo mundo, principalmente na França, começando por uma passeata pacífica reivindicando dormitórios mistos na Universidade de Nanterre e maio de 1968. A polícia reprimiu com brutalidade, estourando uma revolta de outras universidades contra a rigidez do sistema educacional. Suas mochilas agora tinham pedras e lenços ao invés de livros e cadernos. De repente, os operários se juntaram aos estudantes numa greve geral, colocando o país à beira de uma revolução socialista. Após acordo salarial da CGT (Central Geral de Trabalhadores) com o governo de Charles De Gaulle, a revolução estudantil terminou sendo sufocada. O movimento alcançou notoriedade em praticamente todos os países da Europa, outros do Leste europeu como a Tchecoslováquia e a Romênia, e mais outros nos EUA, México, Japão e América Latina. Na verdade, a revolta estudantil foi parte de uma expressão mais ampla da contracultura dos anos 60, que contestou valores morais julgados "incompatíveis" com os novos tempos.

No Brasil, a ditadura militar reprimiu duramente os estudantes. Edson Luiz foi baleado pela polícia no dia 28 de março de 1968, aos 18 anos, enquanto jantava no restaurante Calabouço, que atendia estudantes de baixa renda vindos de outros estados.



A partir de então, os estudantes se mobilizaram de vez.

Organizando uma passeata de protesto que reuniu 100 mil pessoas no Rio de Janeiro.

Reprodução de imagens: Google

Aplicação do Módulo Guerra Fria

- *É importante que o professor mostre diferenças e semelhanças entre os movimentos beat, hippie e estudantil, falando da influência beat e hippie no movimento tropicalista brasileiro, fazendo um exercício em classe com a análise da música de Caetano Veloso “Sem lenço e sem documento”.*

3.8 A MOCHILA SOCIALISTA

A mochila socialista.



Ilustração feita a partir de reproduções de imagens de Google

Aplicação do Módulo Guerra Fria

Enquanto os americanos tratavam de difundir sua “imagem positiva” com interesses políticos e econômicos, havia também uma preocupação dos soviéticos em difundir a imagem de exaltação e glorificação de valores proletários, condenando o modernismo nas artes e na literatura. Mesmo Picasso, grande pintor engajado no Partido Comunista

Francês, foi criticado pelo Partido Comunista Soviético ao publicar a pintura de um líder soviético num jornal francês fora das normas do “realismo socialista”.



Mas foi durante os jogos Olímpicos de Helsinque que a URSS, finalmente, pode enfrentar “de igual para igual” os EUA diante das câmeras do mundo todo. Muitos jovens socialistas traziam em suas mochilas uma vontade impressionante de mostrar ao mundo as vantagens do esforço coletivo e do trabalho em equipe. A imprensa europeia usava expressões como “rolo compressor”, “máquina impecável” e “soldados disciplinados, fortes, rudes e brancos” para se referirem aos atletas do mundo socialista, enquanto a imprensa comunista insistia na “energia tranquila”, no “trabalho conjunto” e no “entusiasmo” de seus atletas. (BERSTEIN, 2007).

- O professor pode comentar que apesar das diferenças de mentalidade da juventude capitalista e socialista ser gritante, o uso da propaganda pelos dois países era semelhante.

3.9 A MOCHILA ESPACIAL

Um dos campos que mais se beneficiaram com a Guerra fria foi o da tecnologia. Na urgência de mostrarem seu poder, EUA e URSS procuraram melhorar ao máximo seu arsenal militar. Algumas tecnologias conhecidas hoje foram frutos da Guerra Fria, principalmente a das comunicações, iniciada em 1957 pelos soviéticos com o envio do

“Sputnik”, o primeiro satélite a entrar em órbita, e logo depois, em 1961, Yuri Gagarin é o primeiro homem a realizar um vôo orbital a bordo da nave Vostok I.



Temendo um possível bombardeio soviético, o programa espacial norte-americano fez o governo investir muito em centros de pesquisa civis e militares, estimulando empresas com encomendas. A NASA dizia: “...preciso de um circuito de recepção que tenha tal dimensão e, no máximo, tal peso. Qual empresa pode fazer isso?”. Elas faziam concorrência e a NASA pagava. As empresas mantinham em suas equipes gente com a melhor formação possível que interagiu com as Universidades. No auge do programa, o número de empresas prestando serviços à agência chegava perto de 20 mil no mundo. Hoje, a parceria NASA/empresas privadas continua. Atualmente, são cerca de 400. Com o Google, a agência montou um super banco de dados com fotos, livros e arquivos, tudo disponível na internet. O Google também está investindo atualmente mais de US\$ 3 milhões na construção de um novo prédio para a NASA, que servirá como incubadora para os futuros projetos da parceria. (<http://portalexame.abril.com.br> - acesso em 27/10/10)



Mas apesar do avanço monumental, aonde será que o astronauta guardou parte desse arsenal tecnológico quando pisou na lua? Na mochila, é claro! Portanto, novamente a mochila volta à cena, projetada para acondicionar artefatos tecnológicos. Ao comprarmos uma mochila hoje, verificamos antes uma série de itens que terão que acondicionar nossas necessidades, como divisões internas, tecido resistente, tamanho, bolsas externas para diferentes objetos, sem falar do design, é claro, com alças confortáveis e almofadadas. Hoje, a mochila é um objeto globalizado no seu uso e na sua forma, e quem sabe, quase uma extensão do homem.

O computador usado pelos astronautas tinha de ser pequeno, leve, com bastante memória e, claro, ser capaz de suportar o tranco da viagem. Antes mesmo de inventarem o notebook, veio a tecnologia wireless (sem fio), desenvolvida ainda nos anos 60 para permitir que os astronautas se comunicassem. Invenções como o termômetro com a tecnologia do infravermelho, os óculos de sol contra raios ultravioleta, os joysticks dos videogames, o sistema de amortecimento de impacto nos tênis que calçamos, satélites de comunicação que nos permitem ver em tempo real o que está acontecendo no nosso bairro através do “Googlemap”, são apenas alguns exemplos de artefatos de uso cotidiano que incorporam alta tecnologia desenvolvida originalmente na “corrida espacial”. Neil Armstrong estava certo: Foi um passo gigantesco para a humanidade!



Aplicação do Módulo Guerra Fria

- O professor mostra a seguir, a foto da mochila “deflagrada” para evidenciar a herança de muitas descobertas tecnológicas do passado recente que usamos no nosso dia-a-dia.
- O professor pode pedir aos alunos que façam uma pesquisa em casa para descobrir mais objetos advindos da corrida espacial que sejam de uso comum como alimentos, roupas com modelos espaciais, carros, brinquedos, jogos, literatura, música, etc.

3.10 A MOCHILA DO MURO



Aplicação do Módulo Guerra Fria

A falta de democracia, o atraso econômico e a crise financeira nas repúblicas soviéticas, acabaram por acelerar a crise do socialismo no final da década de 1980. Em 1989, cai o Muro de Berlim e as duas Alemanhas são reunificadas. O sistema socialista foi se enfraquecendo e, em pouco tempo, os países do bloco socialista se dividiram e se

tornaram capitalistas. A queda do muro representou o fim do socialismo no mais rico e próspero da Europa Oriental. A luta popular pela independência política de diversos países do Leste Europeu, da África, da Ásia e da América Latina, para sair da tutela tanto da URSS como dos EUA, custou a vida de milhares de jovens. Aqui no Brasil não foi diferente, com uma ditadura militar que durou 20 anos, financiada pelos EUA.

- Após alguns minutos, o professor pede aos estudantes que olhem novamente para suas mochilas, e de um modo criativo e livre, através de música, poesia, desenho, colagem, redação, em duplas, grupos ou individualmente, expressem o que entenderam sobre a Guerra fria. Os trabalhos servirão como avaliação final. (Competências 1, 2, 3, 4 e 5 Habilidades 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9)

CAPÍTULO 4

CONCLUSÃO DA APLICAÇÃO DO MÓDULO



Durante o curto período da aplicação do módulo, pude notar um interesse diferenciado de uma grande parte dos alunos. O pouco tempo dado para trabalhar o conteúdo sacrificou alguns exercícios que seriam propostos em classe, mas os poucos que foram feitos durante as aulas trouxeram respostas reveladoras.

Nas respostas ao questionário dado sobre o objeto mochila, os alunos revelaram outros sentimentos relacionados a mochila além de sua utilidade objetiva, como “companhia de todas as horas” ou “lugar de privacidade”. Abaixo, algumas respostas selecionadas.

Roseli Maria Cardoso

A mochila significa várias coisas no meu pensamento. Ela é um objeto de obscuridade especial, como por exemplo, olhando pra ela já vem logo à minha mente que é prioridade escolar, e que todos os dias que vou à escola, levo meu material dentro dela.

Caroline Rodrigues de Assis

A mochila é muito útil, pois a utilizo em muitos lugares e pra muitas coisas, mas muitas vezes, não damos a devida atenção.

Diego de Caldas Lacerda

A mochila me ajuda muito na locomoção dos meus materiais didáticos roupas, compras, etc. Minha mochila é tudo na minha vida, sem ela minha vida não teria sentido. Ela é que me apóia e me dá forças pra continuar, mas está ficando velha.

Thais Cristina de Souza

Quando olho minha mochila eu me lembro da escola e, então, a minha mochila significa conhecimento.

Welidy Teotônio da Silva

Significa paz.

Isso foi importante para entrarmos com a carta do pracinha lida em classe pelos alunos. Alguns se emocionaram com o sentimento de dor e saudade do autor da carta dizendo: (...) *“em muitos momentos, a mochila é um peso que carregamos e, em outros, nosso melhor travesseiro”*. Mesmo assim, muitos em seu depoimento final já tinham “esquecido” o documento alegando não ter prestado atenção ao lê-lo.

Outro momento que gerou grande discussão em classe foi quando da menção do consumismo. A professora Vitória, ao apresentar seu aparelho celular de quase 10 anos à classe, causou grande estardalhaço entre os alunos que acharam graça. Como prova do consumo, uma das alunas reconheceu que é um hábito entre os estudantes que namoram trocar suas alianças trimestralmente para afastarem o tédio. Assim, o termo “tédio” foi atrelado ao consumo pelos próprios alunos, confirmando a teoria de que quanto maior o aumento de velocidade com que se trocam os objetos, menor o seu significado, (...) *Depois de comprado, o objeto não deve ter vida longa: desgasta-se logo ou logo fica “fora de moda”*. Nunca houve, em nenhuma sociedade, uma relação tão próxima entre a maternidade e cemitério. (RAMOS, 2004).

Outros se colocaram abertamente como consumidores vorazes e disseram não se sentirem com vontade de mudar, mesmo sabendo que isso não é o ideal. Ficou bem

evidenciado que todos tinham claro o trinômio do consumo: a novidade excita, adquirir é satisfação garantida e mostrar é aceitação social.

Depois da exposição do tema *consumo* e da *obsolescência planejada*, muitos alunos questionaram a veracidade do estilo de vida dos hippies ao perguntarem se eram ricos, de família burguesa, (...) *“porque quando a pessoa não é pobre, não vai querer sair do conforto pra entrar numa dessa...”*. Vemos na fala do aluno o anacronismo que, uma vez pontuado, reconhece a necessidade de compreender o contexto histórico do período, assim como as diferentes idéias entre sujeitos de um mesmo contexto.

A frase profética de Andy Wharol (...) *“um dia, todos terão direito a 15 minutos de fama”* foi muito bem aproveitada nas discussões em classe , assim como a expressão “celebridade instantânea”, referindo-se a uma pessoa anônima que ganha certa notoriedade de maneira repentina devido a algum escândalo, programa televisivo ou fato de grande cobertura na mídia como acidentes, assassinatos e outros, encontrou logo analogias com “reality shows” e exemplos de pessoas que postam vídeos de baixa qualidade na Internet em detrimento da moral e da ética, princípios reconhecidos por todos os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do módulo, muitas coisas emergiram do universo desses adolescentes, como a necessidade de aulas mais dinâmicas, do uso de imagens para compreensão do conteúdo e, principalmente, do formato subdividido por temas relacionados com o objeto mochila. Isso fez com que relacionassem mais facilmente os diversos temas da Guerra fria; como o final da segunda Guerra com a mochila do soldado, a corrida armamentista com a mochila espacial, o capitalismo com a mochila do consumo e assim por diante.

A exposição dos slides, juntamente com a exposição dos temas relacionados, gerou muitos questionamentos durante as aulas, aumentando o grau de participação dos alunos. Assim, ao gravar em vídeo os depoimentos de alguns alunos ao final do módulo e anexado a este trabalho, ficamos certas de que é possível estabelecer uma interação mais próxima entre a disciplina e o aluno através do objeto. Trazê-los ao conhecimento histórico através de suas coisas, de objetos simples, cuja importância muitas vezes não mensuramos, foi uma experiência única que, confesso, nos surpreendeu e emocionou.

Espero, sinceramente, que esta proposta do ensino através dos objetos de uso cotidiano do aluno sirva de opção metodológica ao professor de História, na sua árdua tarefa diária de reinventar-se em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, Secretaria de Educação fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História/secretaria de educação fundamental* - Brasília:MEC/SEF,1998

SÃO PAULO (Estado). SEE/CENP. *Proposta curricular para o ensino de História - Ciclo II e ensino médio*. São Paulo, 1992.

KARNAL, Leandro. (org.) *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. Organização de vários autores - São Paulo, 2003.

CAIMI, Flávia Eloisa. *Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões e formação de professores de História*. Artigo recebido e publicado em 2006 - Universidade de Passo Fundo, RGS.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A insustentável leveza do tempo: os objetos da sociedade de consumo em aulas de história*. Educ.rev. no.47 - Belo Horizonte Jun. 2008

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. - 2.ed. - São Paulo: Cortez,2008.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. *Administração de Marketing: A Bíblia do Marketing*. Prentice Hall Brasil, 2006, 12a edição. 776p.

HARENT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1995.

HOBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. Cia das Letras, 2006, 12a edição. 776p.

BERSTEIN, Sergei; MILZA,Pierre. *História do Século XX: volume 2: 1945 -1973, o mundo entre a guerra e a paz / sob direção de Sergei Berstein e Pierre Milza (tradução Fernando Santos)* - São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

LONDON, Bernard. *Terminar a depressão através da obsolescência planejada. 1932*. Disponível em [http://commons.wikimedia.org/wiki/File: The London \(1932\) Ending the depression through planned obsolescence.pdf](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:The_London_(1932)_Ending_the_depression_through_planned_obsolescence.pdf)

LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de massas*. Paz e Terra, 1978.

PAMPLONA, Marco A. *Revendo o sonho americano: 1890 – 1972*. Marco A. Pamplona: coordenação Maria Lígia Prado, Maria Helena Capelato. Ed. Atual, 1995.

PEDRO, Antonio. *História da civilização ocidental: ensino médio: volume único / Antonio Pedro, Lizânias de Souza Lima; colaboração especial Yone de Carvalho – 2.ed. – São Paulo: FDT,2005*.

SCHMIDT, Mario Furley. *Nova história crítica: ensino médio: volume único / Mario Furley Schmidt – 1.ed. – São Paulo: Nova Geração, 2005*.

Documento de autorização da Escola Residencial Jundiaí para a aplicação e filmagem do módulo guerra fria em sala de aula para a 3ª turma do ensino médio pela Professora Vitória Azevedo.

FACCAMP

Faculdade Campo Limpo Paulista

À Escola Estadual Residencial Jundiaí
Senhor(a) diretor(a)

Meu nome é Marina Pontual de Oliveira e estou no último semestre do curso de História, na FACCAMP – Faculdade Campo Limpo Paulista, em meio a finalização e montagem do meu Trabalho de Conclusão de Curso. No TCC, desenvolvo uma nova metodologia de ensino de História baseada nos objetos de uso cotidiano do aluno.

Tendo em vista os pontos que defendo durante o trabalho para atingir os objetivos da proposta, sugiro a aplicação de um módulo em sala de aula que será devidamente filmado e gravado durante os meses de outubro e novembro de 2010 para posterior inserção no TCC a ser apresentado em dezembro próximo.

Portanto, solicito a V.Sa. uma autorização do módulo em anexo conforme previamente acordado com a professora e amiga Vitória Azevedo a quem apresentei meu trabalho e fui acolhida com sua concordância desta aplicação desde que autorizada pelo senhor(a).

Gostaria de agradecer antecipadamente sua colaboração, assim como a presteza da professora Vitória Azevedo no sentido de acreditar na proposta metodológica aqui apresentada. Fico com as melhores expectativas e aguardando um breve retorno.

Att.

Marina Pontual de Oliveira

FACCAMP –Licenciatura em História (6º semestre) - RA 7986

Autorizado
Ana Lúcia G.S. Assi
Profª Coord. Pedagógica
RG: 17.212.439
Ana Lúcia